

# Escudos contra Fake News: Um método para combater a desinformação nos ambientes de ensino

ANDRADE, Luiz Adolfo<sup>1</sup>

Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil

CALVACANTI, Lara<sup>2</sup>

Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil

## RESUMO

O presente artigo apresenta a metodologia “Escudos contra Fake News”, propondo seu uso na educação. Este método serve para validação do conteúdo que é recebido por aplicativos como WhatsApp, tornando-se ferramenta útil para verificação de notícias falsas e combate à desinformação. Os dados foram obtidos a partir de uma pesquisa aplicada, realizada entre setembro e novembro de 2020 em programas de rádio nas cidades de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE). A escolha por rádios foi determinada pelo fechamento das instituições de ensino no segundo semestre do ano passado, por causa da pandemia da Covid-19. A partir dos resultados desta experiência, que comprovaram a eficiência do método para identificação de notícias falsas, é proposta uma adaptação para aplicar em ambientes de ensino remoto e presencial.

*Palavras-chave: Metodologia. Fake News. Desinformação. WhatsApp. Educação.*

## Shields against fake news: a method to combat disinformation in teaching environments

## ABSTRACT

This article presents the ‘Shields against Fake News’ methodology, proposing its use in education. This method serves to validate the content users often receive on apps such as

---

1 Doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia. Professor Adjunto na Universidade do Estado da Bahia. Email: [laandrade@uneb.br](mailto:laandrade@uneb.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7751961142638093>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8894-859X>.

2 Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia. Email: [lara\\_rc85@yahoo.com.br](mailto:lara_rc85@yahoo.com.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3111421341908934>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1594-5387>.



**Interritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]  
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253497>

WhatsApp, making it a useful tool for checking Fake News and combating disinformation. The data were obtained from an applied research, carried out between September and November 2020 on radio programs in the cities of Juazeiro (BA) and Petrolina (PE). The choice for radios was determined by the closure of educational institutions in the second half of last year, due to the Covid-19 pandemic. Based on the results of this experiment, which proved the efficiency of the method for identifying false news, an adaptation is proposed to be applied in classroom and e-learning environments.

*Keywords: Method. Fake News. Disinformation. WhatsApp. Education*

### **Escudos contra las Fake News: Un método para combatir la desinformación en entornos educativos**

#### **RESUMEN**

Este artículo presenta la metodología “Escudos contra Fake News”, proponiendo su uso en educación. Este método sirve para validar el contenido que reciben aplicaciones como WhatsApp, por lo que es una herramienta útil para comprobar noticias falsas y combatir la desinformación. Los datos se obtuvieron de una investigación aplicada, realizada entre septiembre y noviembre de 2020 en programas de radio en las ciudades de Juazeiro (BA) y Petrolina (PE). La elección por las radios estuvo determinada por el cierre de las instituciones educativas en el segundo semestre del año pasado, a causa de la pandemia del Covid-19. A partir de los resultados de esta experiencia, que demostró la eficacia del método de identificación de fake news, se propone una adaptación para ser aplicada en entornos de enseñanza a distancia y presencial.

*Palabras clave: Metodología. Fake News. Desinformación. Whatsapp. Educación.*



**Intertérios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]  
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253497>

## INTRODUÇÃO

Conversas paralelas em tom de voz baixo, gestos e troca de bilhetes sempre foram as formas mais comuns de comunicação entre estudantes, durante uma aula. Com a popularização dos *smartphones* e das redes sem fio de acesso à internet, estas alternativas foram aos poucos sendo substituídas por ferramentas para envio de mensagens como SMS e, posteriormente, os aplicativos para sistemas operacionais móveis (*app.*). Dentre estas inovações, o *WhatsApp* se tornou um dos *apps.* mais populares no Brasil, por conta de sua interface de uso fácil e intuitivo, dentre outras razões.

Porém, na medida em que tecnologias e serviços inovadores, como *smartphones* e aplicativos, estão oferecendo suporte para a comunicação e a educação, sobretudo nos tempos de ensino remoto por causa da pandemia da Covid-19, o *WhatsApp* tem sido utilizado diversas vezes no sentido oposto, para promover desinformação através da disseminação de notícias falsas - chamadas *Fake News*. Desta maneira, como podemos nos proteger contra desinformação em ambientes de ensino no Brasil, especialmente nos dias atuais, onde a internet e os *apps.* tem configurado o suporte para a realização das aulas?

O presente artigo foca no combate à desinformação em ambientes de ensino remoto e presencial. Apresentamos uma metodologia para verificação do conteúdo recebido pelo *WhatsApp*, que será concebida como *Escudos contra Fake News*. A proposta apresentada neste trabalho foi elaborada a partir de uma pesquisa aplicada que realizamos nas cidades de Juazeiro-BA e Petrolina-PE<sup>3</sup>, no segundo semestre de 2020. No referido trabalho, acompanhamos a rotina de

---

<sup>3</sup> Juazeiro (Bahia) e Petrolina (Pernambuco) são dois municípios comumente chamados de “coirmãos”, porque são separados por uma ponte de 1 quilômetro sobre o Rio São Francisco e compartilham de valores culturais comuns. São considerados as duas principais cidades da região chamada de “Vale do São Francisco”, marcada sobretudo pela fruticultura irrigada.



programas de rádio ao vivo nestes dois municípios, considerados principais da região do Vale do São Francisco, para aplicar nosso método no conteúdo enviado pela audiência e, assim, identificar as informações falsas.

A opção por aplicar nosso método nas rádios se deu em face do fechamento das instituições de ensino em 2020, por conta da pandemia da Covid-19, o que impediu a realização deste trabalho primeiramente nas escolas. Os programas que escolhemos para compor nosso *corpus* de análise podem refletir a convergência entre educação e comunicação, na medida em que procuram transmitir conhecimento para a sociedade com base na participação de ouvintes, que na maioria das vezes alertam para problemas e demandas locais. Além disto, o imediatismo na hora de publicar uma informação, seja por parte dos jornalistas, comunicadores, radialistas ou da própria audiência, que compartilha conteúdo sem critério, acaba favorecendo a disseminação de notícias falsas. A experiência que realizamos nas rádios mostrou-se eficaz para gerar proteção contra desinformação e, a partir dos resultados obtidos em um ambiente de comunicação, sinalizamos para uma alternativa de uso da nossa metodologia na educação.

O *WhatsApp* é um aplicativo gratuito lançado em 2009 para sistemas operacionais móveis, que se tornou bastante popular no Brasil; atualmente é desenvolvido pelo *Facebook, Inc.* Este *app* oferece serviços para compartilhar com facilidade e rapidez mensagens instantâneas nos formatos de texto, áudio (síncrono e assíncrono), arquivos em PDF, Word, imagens, vídeos, *links* etc., que pode otimizar a disseminação de informações falsas. Além das conversas individuais, chamadas comumente de conversas privadas, é possível criar grupos no *WhatsApp*, nos quais podem interagir até 256 membros pela internet. Considerando a possibilidade de criação em grupos de acordo com afinidades e temas comuns, junto dos serviços de comunicação disponíveis para usuários, podemos conceber o *WhatsApp* como um aplicativo para redes sociais (RECUERO, 2009; 2012).



Prensky (2001) criou as expressões “nativos digitais” e “imigrantes digitais” para entender o comportamento dos usuários nos dias atuais; a primeira define pessoas que já nasceram ou vivem desde a infância com a tecnologia digital incorporada ao cotidiano; a segunda faz referência às pessoas que foram introduzidas à tecnologia digital em algum momento da adolescência ou da vida adulta. Entretanto, apesar de muitos docentes utilizarem diariamente o *WhatsApp*, a maioria prefere refutar ou proibir o uso de celulares em sala de aula. Assim, pensar formas criativas para inserir estes dispositivos no ambiente escolar tem se tornado problema para professores e gestores de educação no Brasil. A solução parece ser estimular seu uso de forma segura, propositiva e agregadora.

### **Cibercultura, Fake News e Pós-verdade: o problema da desinformação**

Como é sabido, a cibercultura renovou as maneiras pelas quais a informação pode circular através dos meios de comunicação. Um importante referencial em cultura digital, André Lemos, percebeu que o tradicional fluxo “um-todos”, estabelecido pela comunicação de massa, passou a ser acompanhado por um novo modelo, onde qualquer usuário pode emitir e receber informação, configurando o que ele chamou de “liberação do polo emissor”. Trata de um dos princípios da cibercultura definidos pelo pesquisador, que renovou o par clássico “emissor-receptor” da comunicação social, permitindo que usuários recebam, processem e compartilhem informação através das mídias digitais.

Segundo Lemos, a liberação do polo emissor coloca em jogo um excesso de informação que nada mais é do que a emergência de vozes e discursos anteriormente reprimidos pela edição da informação operada nas mídias de



massa (Cf.: LEMOS, 2002, p. 14). Paralelamente, o fluxo criado pela inflexão da comunicação social em sua forma “pós-massiva” é devedor de outros dois princípios da cibercultura definidos por Lemos, que figuram ao lado da liberação do polo emissor: (1) a conexão, que cria uma rede de máquinas, sistemas operacionais, servidores etc., por onde a informação tende a circular; (2) reconfiguração, que aponta para a emergência constante de novos ambientes digitais aptos a dar suporte para essas interações em rede (LEMOS, 2005), como ocorreu no caso *WhatsApp*.

Considerando o atual contexto que vivemos no Brasil, onde os *smartphones* e *apps*. estão se consolidando como nossas principais ferramentas de comunicação social, podemos entender que os princípios identificados por Lemos incidem diretamente em nossas interações através desses dispositivos e *softwares*. Os agenciamentos que realizamos usando aplicativos como o *WhatsApp* tendem a produzir volume excessivo de informação, como foi verificado pelo autor, o que pode contribuir para aumentar o fluxo de notícias falsas.

Os estudos sobre o fenômeno das *Fakes News* no Brasil e no mundo ainda são recentes. As primeiras análises remontam ao ano de 2016, época em que conteúdo falso criado sobre a então candidata à Presidência do EUA, Hillary Clinton, foi compartilhado em massa pela internet por pessoas ligadas ao seu adversário e ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que seria determinante para sua vitória, no pleito americano. Para definir parte dos efeitos propagados pela disseminação de notícias falsas, foi proposta a noção de “pós-verdade”,

Pós-verdade não é a mesma coisa que mentira. Os políticos, afinal, mentem desde o início dos tempos. O que a pós-verdade traz de novo não é a desonestidade dos políticos, mas a resposta do público a isso. A indignação dá lugar à indiferença e,



por fim, à convivência. Massacrado por informações inverossímeis e contraditórias, o cidadão desiste de tentar discernir a agulha da verdade no palheiro da mentira e passa a aceitar, ainda que sem consciência plena disso, que tudo o que resta é escolher, entre as versões e narrativas, aquela que lhe traz segurança emocional. (D'ANCONA, 2018, p. 10).

A noção de “verdade” pode ser compreendida como aquilo que alguém interpreta dos fatos; cada sujeito, portanto, pode construir a sua própria verdade sobre algo. Porém, existem pessoas que preferem não elaborar uma verdade subjetiva, mas seguir outras versões compartilhadas e identificadas com suas crenças e valores. Este tipo de comportamento em que há certa “preguiça” de interpretar, checar e até desconfiar do conteúdo, segundo D’Ancona, é o que favorece a disseminação das *Fake News*. Na mesma direção, Castilho (2016) classifica a expressão “pós-verdade” como “cognição preguiçosa”, ao perceber certa morosidade nas pessoas para interpretar fatos, dados e eventos que demanda esforço adicional do nosso cérebro.

A noção de “verdades concorrentes”, proposta por MacDonald (2019), pode iluminar outra percepção para o fenômeno das *Fake News*. Segundo o autor, toda história tem vários lados, o que permite deduzir mais de um tipo de verdade. As pessoas, diz ele, aprendem isto desde cedo: por exemplo, alunos indisciplinados sabem como selecionar eventuais verdades para melhor sustentar seu caso. Em muitas situações, há uma variedade de maneiras igualmente legítimas para descrever uma pessoa, um evento, um objeto ou um princípio. MacDonald entende que uma pessoa pode ser facilmente influenciada por outra quando possui nenhum conhecimento sobre determinado assunto, revelando tendência de ser mais receptiva às verdades que se ajustem ao seu pensamento, em detrimento daquelas que eventualmente confrontem sua visão de mundo (Cf.:MACDONALD, 2019, p. 13- 14).



Afonso de Albuquerque (2021) observou que, a partir de 2016, eventos como a vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais nos EUA e o Brexit, referendo que determinou a saída do Reino Unido da União Europeia, causaram certa preocupação na sociedade em face de uma epidemia sem precedentes de *desinformação*, concebida como *infodemia*, que foi promovida principalmente por políticos antissistema. Para o autor, *Fake News* se refere às iniciativas de desinformação que mimetizam formatos jornalísticos e tentam se apresentar como notícias.

No Brasil, diz Albuquerque, tornou-se famoso o uso principalmente do *WhatsApp*, articulado a outros aplicativos de redes sociais, como ferramenta de distribuição de desinformação em favor de Jair Bolsonaro, tanto em seu atual governo quanto em sua campanha eleitoral, na qual a disseminação de notícias falsas interferiu diretamente no resultado do pleito, em 2018. A ameaça causada pelo problema da desinformação fez emergir outros atores, integrantes de um complexo que inclui organizações midiáticas tradicionais, agência de *fact-checking*, plataformas de mídias sociais e setores do aparato judicial (Cf.: ALBUQUERQUE, 2021, p.126).

Existe um exemplo que pode refletir os riscos causados pela desinformação, no Brasil. O *WhatsApp* disponibilizou, há alguns anos, uma ferramenta que permite compartilhar simultaneamente a mesma mensagem para vários usuários. Pouco tempo depois, os desenvolvedores do aplicativo resolveram limitar esta interação, habilitando o envio da mesma mensagem para até cinco usuários por vez. No entanto, este procedimento só foi introduzido no Brasil a partir de janeiro de 2019, por causa da *infodemia* que se instalou durante as eleições presidenciais de 2018, como observou Albuquerque. Podemos perceber que esta reconfiguração no *WhatsApp* teve como objetivo evitar e/ou amenizar o problema da desinformação; na prática, entendemos que isto funcionou apenas como paliativo, pois usuários descobriram logo em

seguida alternativas de envio massivo de mensagens, mesmo sendo de forma mais trabalhosa.

Outro exemplo interessante, que pode ilustrar procedimentos para checagem de informação no *WhatsApp*, é o canal *Saúde Sem Fake News*. Criado pelo Ministério da Saúde em 2018, este serviço permite que população tire dúvidas sobre doenças, campanhas de vacinação e falta de medicamentos, no intuito de evitar propagação de notícias falsas. No primeiro ano de atuação, mais de 12 mil dúvidas foram esclarecidas. Por meio deste canal, também foi possível constatar que existem alguns movimentos cíclicos na circulação das *Fake News* sobre saúde. Por exemplo, na época da campanha de vacinação contra a *Influenza*, circulou uma notícia falsa dando conta que o chá de erva doce era a cura para a doença.

Na pesquisa que serviu de base para produção deste artigo, detectamos uma tendência da população demonstrar incômodo e passar a se sentir responsável pela disseminação de notícias falsas. Constatamos que as pessoas tendem a demonstrar receio de se tornar agente disseminador de *Fake News* e, por isso, recorreram à ferramenta do Ministério da Saúde para tirar dúvidas, antes de compartilhar determinada informação. Assim, percebemos um comportamento onde o princípio da checagem, em analogia ao procedimento do jornalismo, passou a fazer parte também das interações sociais comuns (Autor). No cenário de incertezas provocado pelo aumento da desinformação, a educação pode ser uma importante aliada para esclarecimento da população acerca do conteúdo que recebemos diariamente por meio do *WhatsApp*.

## **Duas faces para interpretação de conteúdo: Alfabetização e Letramento**



REVISTA  
**interritórios**

**Interritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]  
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253497>

O livro “Paulo Freire em Tempos de *Fake News*” apresenta uma coletânea de artigos produzidos durante o curso *EaD Freiriana*<sup>4</sup>, realizado pelo Instituto Paulo Freire, em 2019. Este evento tratou de temas como educação, inovação, tecnologias de informação e comunicação, considerando impactos provocados pelo espalhamento de desinformação no Brasil. Para Leite (2019), uma das autoras incluídas na obra, ao mesmo tempo em que a internet pode aproximar pessoas, o conteúdo que chega através dos aplicativos de conversas tende a fazer usuários evitarem debates com pessoas que acreditam em valores divergentes. Esta fuga acaba promovendo a criação de redes mais homogêneas no *WhatsApp*, facilitando a disseminação de informações falsas, sobretudo aquelas que eventualmente se insiram no escopo do grupo.

Entender os motivos que levam à criação deste tipo de engodo e saber distinguir a diferença entre opinião e informação, verdade e mentira, notícia falsa ou verdadeira, acaba sendo uma habilidade crucial para que indivíduos saibam se posicionar frente à própria realidade. Freire mesmo sugeria que nos colocássemos frente às situações do mundo munidos de algumas perguntas: Por quê? A favor de quê? Para quem? A favor de quem? Contra o quê? Contra quem servem estas mentiras que estão sendo criadas e reproduzidas? (LEITE, 2019, p. 14).

Podemos perceber uma analogia entre estas questões freirianas e uma técnica clássica do jornalismo, chamada *lead*. Na linguagem jornalística tradicional, o *lead* corresponde ao primeiro trecho da notícia, onde também devem ser respondidas seis perguntas sobre o fato reportado, que fazem analogia às interrogações assinaladas pelo patrono da educação brasileira - O quê? Quando? Onde? Por quê? Quem? Como? Sob este ponto de vista,

---

4 <https://www.eadfreiriana.org/curso-cacpf/> acesso em abril de 2021.



podemos perceber que Paulo Freire desenhou uma aproximação da educação com jornalismo, evidenciando uma alternativa para discernimento de determinadas situações que encontramos no dia a dia.

Leite (2019) reforça a necessidade de uma nova alfabetização, chamada de “Alfabetização Midiática Informacional”, que teria como finalidade instruir estudantes a se comportarem de maneira crítica em face das inúmeras informações recebidas através de aplicativos de redes sociais, como o *WhatsApp*. Em linhas gerais, consiste em um tipo de instrução sobre recepção e compartilhamento de informação, que busca combater, dentre outros problemas, a proliferação de notícias falsas.

Letramento é outro conceito da educação que pode sustentar a importância de saber interpretar e validar o conteúdo recebido diariamente de usuários do *WhatsApp*. Para Soares (2014, p.76), “letramento é um conjunto de práticas de leitura e escrita que resultam de uma concepção de o quê, como, quando e por quê ler e escrever”. Sob o ponto de vista, o letramento aparece como um processo diferente de alfabetização. Um letramento bem desenvolvido implica na compreensão do contexto entorno daquilo que está sendo lido, na interpretação do que o autor pretendeu fazer, em propor questionamentos e construir juízo de valor. Deste modo, acreditamos que a noção de letramento pode complementar a ideia de alfabetização midiática informacional, que passaria a ser concebida como uma *alfabetização midiática informacional com letramento*.

É importante considerar possíveis mudanças na formação docente para lidar com fluxos de desinformação. Há uma tendência que isto aconteça de maneira rápida e eficiente através de discussões entre gestores e educadores, adequando as ações para cada realidade, como sugerem Cenedes e Matos (2019),



Observa-se que as atuais concepções voltadas para o processo de formação de professores, busca romper com o paradigma da verborragia<sup>1</sup>. (...) não cabe aos programas de formação continuada somente um bom discurso teórico; é preciso olhar nossa realidade de forma autêntica, rever e reinventar nossas práticas formativas. Portanto, é com essa consciência e ações, por meio da práxis, da conscientização que podemos nos posicionar frente as *Fake News* nos espaços formativos (...) e esclarecer as informações falsas que estão sendo disseminados em diversos contextos (...). Logo, atribuímos ao formador a missão de combater essas falsas notícias, utilizando como ferramenta o diálogo (p. 322-323).

Uma sugestão é fazer discussões em sala de aula trazendo exemplos reais, que possam ilustrar problemas provocados pela desinformação; através deles, estudantes e educadores devem refletir sobre “compartilhar informação com responsabilidade”, estimulando também apropriações salutares do celular no ambiente escolar, uma prática até então refutada por muitos professores. Nem sempre, manipular um *smartphone* em sala de aula significa que o usuário esteja desatento; neste caso, é necessário que o professor elabore intervenções criativas usando o celular, de forma que desperte o interesse do alunado.

Como pode ser percebido na prática, professores tem se deparado com uma postura recorrente: A presença quase que totalitária de estudantes interagindo com *smartphones* em sala de aula. Deste modo, ensinar a interpretar e validar o conteúdo que circula nos *apps*. pode sinalizar um caminho para combater a desinformação em ambientes de ensino. A seguir, apresentamos um método para lidar com o volume de informação que recebemos diariamente através de grupos no *WhatsApp*. Utilizaremos como base um procedimento que formulamos para combater desinformação em programas de rádio nas cidades de Juazeiro e Petrolina, que pode ser facilmente adaptado e aplicado também na educação.



## **Escudos contra Fake News: do rádio para a sala de aula**

A inspiração para elaborar o método que chamamos de *Escudos contra Fake News* veio do conceito de *Factfulness* (ROSLING, 2019), que em português pode significar *factualidade* ou *factual*, isto é, algo que acontece no presente e com veracidade constatada. Para Rosling (2019), é importante desenvolver o hábito de desconfiar de tudo que se lê e, principalmente, buscar o conhecimento em outras fontes através de pesquisas e condutas simples, para criar uma espécie de “proteção” - ou *escudos* - para combater a desinformação.

Nós deveríamos estar ensinando às crianças o arcabouço básico atualizado e baseado em fatos – a vida nos quatro níveis e nas quatro regiões – e treinando-as para usar as regras gerais de *Factfulness* (...). Isso capacitaria para pôr um contexto as notícias vindas de todo o mundo e detectar quando a mídia, ativistas ou vendedores estão deflagrando seus instintos dramáticos com histórias super-dramáticas. Essas capacidades são parte do pensamento crítico que já é ensinado em muitas escolas. Elas protegeriam a próxima geração de muita ignorância (ROSLING, 2019, p. 259-260).

Assim, podemos ensinar as pessoas sobre a importância de não acreditar em toda a informação recebida através dos aplicativos, de saber validar a fonte, além de estimular perfil crítico e construção de juízo, o que configura uma possibilidade educacional. Se funciona para o aprendizado infantil, como propôs Rosling (2019), também pode ser aplicável em outras faixas etárias de estudantes, como os jovens e adultos.

O trabalho de campo para aplicação da nossa metodologia para combater a desinformação foi realizado entre 15 de setembro e 5 de novembro de 2020,



como parte de pesquisa de mestrado concluída no final do ano passado, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiárido (PPGESA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que fica em Juazeiro-BA. O *corpus* de análise foi formado pelos quatro programas de rádio mais longevos e populares da região do Vale do São Francisco: Programa Edenevaldo Alves (Rádio Petrolina), Programa Nossa Voz (Rádio Grande Rio), Programa Super Manhã (Rádio Jornal Petrolina), Programa Geraldo José (Rádio Transrio). Nosso escopo se fixou no conteúdo que a equipe de produção de cada programa recebia da audiência pelo *WhatsApp*.

Por causa da pandemia da Covid-19, o processo de coleta de dados foi adaptado para ocorrer de maneira remota, em vez de presencial, a fim de evitar aglomerações nas rádios. Realizamos o processo de observação de cada programa tanto de forma síncrona quanto assíncrona, através de seus respectivos perfis no *Facebook*, *Instagram* e/ou *YouTube*. Este procedimento também permitiu perceber o comportamento dos comunicadores na hora de ler a notícia e ainda facilitou realizar um rodízio entre as emissoras, para comparar o tratamento empregado aos assuntos comuns. Na medida em que o conteúdo chegava às redações, a produção nos encaminhava as mensagens pelo *WhatsApp*, preservando a identidade de seus remetentes, para que pudéssemos aplicar o nosso método e apurar se a informação era de fato *Fake News*. Foram analisadas 210 mensagens enviadas por ouvintes; dentre elas, verificamos que 34 traziam informações falsas, cerca de 16,2% do total recebido (AUTOR).

A nossa proposta metodológica consiste em um conjunto de 11 escudos, isto é, mecanismos de defesa contra desinformação, que podem ser livremente adotados ou adaptados por qualquer usuário do *WhatsApp*. Para o âmbito da educação, elegemos os sete escudos que tendem a ser úteis para profissionais no combate à desinformação em ambientes de ensino remoto e/ou presencial. O primeiro escudo sugere jamais encaminhar mensagens de áudio com informações duvidosas ou que não foram plenamente ouvidas pelo professor. O

segundo escudo sustenta a importância de verificar e questionar a origem da mensagem, considerando a confiabilidade da fonte e a data da publicação.

O terceiro escudo reforça que o usuário deve refletir antes de encaminhar uma mensagem, questionando a si mesmo: Vale a pena passar adiante esta informação? O quarto escudo serve para proteger contra os inúmeros infográficos e *cards* com informações falsas na forma de dados quantitativos, imagens e textos, que circulam constantemente nos grupos do *WhatsApp*; a simples apresentação de números pode camuflar a verdadeira informação, portanto é fundamental aprender a interpretar e comparar sempre esses dados. O quinto escudo sugere desconfiar sempre daquilo que pode desviar a atenção, por exemplo, manchetes e títulos sensacionalistas, informações com muitos adjetivos e imagens contendo expressões de pavor, dor e tristeza, isto é, todo tipo de conteúdo que demonstra ter mais objetivo de impactar do que informar.

O sexto escudo oferece proteção contra eventuais equívocos, que podem acontecer, por exemplo, no ensino remoto através aplicativos como *Microsoft Teams*, *Google Meets* etc., ou ainda em uma transmissão ao vivo em sites como *Instagram* ou *Facebook*. É preciso ter cuidado tanto no momento de ler comentários em voz alta, durante a aula, quanto no momento de reproduzir para turma informações coletadas através do *WhatsApp*. O sétimo escudo aponta para uma atividade conhecida como “beber da fonte”, isto é, quando um docente quiser usar como recurso determinado conteúdo que recebeu de outra pessoa, desconfie do emissor e consulte a fonte oficial da informação – Diário Oficial, site da Prefeitura ou do Governo do Estado etc.

A ideia é que professores aprendam a usar estes escudos para ensinar seu alunado como reconhecer notícias falsas em meio ao volume grande de informação que eles podem receber diariamente pelo *WhatsApp*. Trata-se de dinâmica de fácil aplicação em sala de aula, com base na leitura, análise e conhecimento de ferramentas comuns do *app.*, como grupos e compartilhamento de mensagens, que são comuns tanto para discentes quanto



para docentes. O *WhatsApp* é um aplicativo largamente utilizado e com fácil interface de usuário; assim, a lógica dos escudos pode ser reproduzida em sala de aula ou até mesmo adaptada pelo professor.

É necessário que este tipo de discussão se torne uma rotina em sala de aula, por exemplo, apresentando estudos de caso que aconteceram dentro do ambiente escolar e da comunidade local. As regras por trás dos escudos podem ser criadas em conjunto: docentes e discentes alinhados no processo e estabelecendo as normas de convivência com as interações no *WhatsApp*. Em alguns casos, como ensino fundamental e médio, essas regras podem ser estabelecidas em comum acordo entre escolas, professores e responsáveis.

## **Considerações finais**

Tecnologias de informação inovadoras, como *WhatsApp*, podem se tornar ferramentas importantes para auxiliar na execução de atividades ligadas à educação, sobretudo nos dias de hoje, quando predomina o ensino remoto, uma demanda real em face da pandemia da Covid-19 e que deve permanecer por mais tempo. Portanto, é importante elaborar métodos que auxiliem na validação do conteúdo recebido diariamente através de *apps* de mensagens, ensinando desconfiar daquilo que pode circular nos grupos, bem como a interpretar, entender, questionar e pesquisar antes de encaminhar mensagens. Estes procedimentos são necessários para garantir o bom funcionamento de ambientes de ensino remoto e presencial, em um cenário onde a maior parte dos alunos e professores utiliza o *WhatsApp*.

Este artigo descreveu um método simples, objetivo e educativo para verificação de conteúdo, que pode ser livremente executado e adaptado para combater a desinformação no ambiente escolar. Chamamos esta metodologia



de *Escudos contra Fake News*: Regras e procedimentos de uso fácil, que figuram como mecanismo de defesa para a auxiliar no combate à desinformação. Docentes que optarem por adotar a proposta descrita neste trabalho podem realizar, por exemplo, adaptações na ordem e formato destes escudos, de acordo com a realidade de suas respectivas turmas e instituições.

A ideia é que este método sirva como proteção para docentes, facilitadores, estudantes, pesquisadores e outros profissionais da educação, que precisam lidar com problemas trazidos pela desinformação nos ambientes de ensino remoto e presencial. Educadores precisam descobrir constantemente novas alternativas para se apropriar de tecnologias e serviços inovadores, como aplicativos e *smartphones*, que são largamente utilizados pelos estudantes. O ambiente escolar necessita incorporar essas inovações. Mas, para isto acontecer de maneira positiva e eficaz, é preciso que todos os envolvidos estejam participando ativamente do processo e entendendo a importância de inclusão de novas ferramentas de comunicação e educação.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. *As Fake News e o Ministério da Verdade Corporativa*. **Revista Eptic** VOL. 23, Nº 1, 2021. Disponível em [http://eptic.com.br/wp-content/uploads/2021/03/EPTIC\\_2021-1\\_12.pdf](http://eptic.com.br/wp-content/uploads/2021/03/EPTIC_2021-1_12.pdf). Acesso em março de 2021

ANDRADE, L.A; FALCÃO, T. **Realidade Sintética: Jogos Eletrônicos, Comunicação e experiência Social**. São Paulo: Scortecci, 2012.

CASTILHO, C. **Apertem os cintos: estamos entrando na era da pós-verdade**, 2016. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/apertem-os-cintos-estamos-entrando-na-era-da-pos-verdade/>. Acesso em março de 2021.

CAVALCANTI, L. **Escudos contra Fake News: método para aprendizado sobre notícias falsas**. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação



REVISTA  
**interritórios**

**Interritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]  
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253497>

em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos. Juazeiro: Universidade do Estado da Bahia, 2020.

CENEDES, E; MATOS, H. Atualidade de Paulo Freire na Formação docente: um combate a fake News. In: PADILHA, P; ABREU, J. (ORGs). **Paulo Freire em tempos de fake news: Artigos e projetos de intervenção produzidos durante o curso da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

D'ANCONA, M. **Pós-Verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News**. Barueri: Faro Editorial, 2018.

LEITE, A.P. A alfabetização midiática e informacional em tempos de fake news e o legado de Paulo Freire. In: PADILHA, P; ABREU, J. (ORGs). **Paulo Freire em tempos de fake news: Artigos e projetos de intervenção produzidos durante o curso da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

LEMOS, A. **Cibercultura Remix**, 2005. Disponível em <https://facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/remix.pdf>. Acesso em março de 2021

LEMOS, A. **Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MACDONALD, H. **Verdade: 13 motivos para duvidar de tudo o que te dizem**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

PRENSKY, M. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**, 2001.

Disponível

em: [http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2\\_intencoes/nativos.pdf](http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf). Acesso em março de 2021.

RECUERO, R. **A Conversação em Rede. Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROSLING, H. **Factfulness: O hábito libertador de só ter opiniões baseadas em fatos** Rio de Janeiro: Record, 2019.



*Escudos contra Fake News:  
Um método para combater a desinformação nos ambientes de ensino*

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

Submissão em 10 de março de 2022.

Aceite em 31 de março de 2022.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



REVISTA  
**interritórios**

**Interritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.8 N.16 [2022]  
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2022.253497>